

ANNE JACOBS

O LEGADO *da*
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 3



I

Setembro de 1923

Leo estava apressado. Na escada, abriu caminho por entre os alunos do primeiro ano e passou por um grupo de garotas conversando. Então parou de repente, pois alguém o havia segurado pela mochila.

– Olha a fila! – disse Willi Abele, com escárnio. – Os bem-nascidos e os amiguinhos dos judeus vão lá para trás.

Referia-se a seu pai. E também a Walter, seu melhor e único amigo, que naquele dia estava doente e não podia se defender.

– Me larguem ou vão ver só! – advertiu Leo.

– Vamos ver o quê, orelhudo? Você não teria coragem...

Leo tentou se desvencilhar, mas o garoto o segurava com força. O mar de alunos descia os degraus à esquerda e à direita, seguindo em direção ao pátio da escola e inundando a calçada da Rote Torwall. Leo conseguiu arrastar seu adversário até o pátio, quando uma alça de sua mochila se rasgou. Ele precisou se virar com agilidade para tentar agarrá-la antes de Willi, que claramente pretendia roubar todos os seus livros e cadernos.

– Melzer... Bebê chorão, tira as calças e cai no chão! – espezinhou Willi, enquanto tentava abrir o fecho da mochila de Leo.

Leo ficou vermelho. Ele conhecia bem aqueles xingamentos, sobretudo na boca das crianças dos bairros operários, que faziam questão de lhe dizer aquelas maldades, pois suas roupas eram sempre melhores e porque Julius às vezes o buscava de automóvel na escola. Abele Willi era cerca de um palmo maior que ele e dois anos mais velho. Mas pouco importou. Leo deu um chute bem dado no joelho de Willi e o menino abriu o berreiro, largando a mochila. Leo mal teve tempo de pegá-la, pois seu oponente se lançou sobre ele. Ambos caíram no chão. Leo recebeu uma bordoadada de socos, seu casaco rasgou, mas ele seguiu lutando contra o mais forte, que arfava.

– O que está acontecendo aqui? Abele! Melzer! Parem agora!

O ditado de que um dia é da caça e outro é do caçador provou-se verdadeiro, pois Willi, que estava por cima e ganhava a luta, foi o primeiro a levar um sopapo do professor. Leo, por sua vez, foi apenas levantado pelo colarinho – o nariz sangrando o isentou da bofetada. Sem dar um pio, ambos escutaram a reprimenda do professor. Mas o pior foram as risadinhas e cochichos dos colegas, que haviam se reunido em círculo ao redor dos galos de briga. Principalmente as meninas.

– Ele foi com tudo para cima...

– É covardia bater nos mais novos...

– Bem feito para o Leo... metido do jeito que é...

– Esse Abele Willi não vale nada...

O sermão do professor Urban entrou-lhes por um ouvido e saiu pelo outro. Era sempre igual. Leo pegou seu lenço, assoou o nariz e percebeu que a costura do casaco havia rasgado na manga. Enquanto enxugava o rosto, notou os olhares de pena e espanto das garotas e sentiu um enorme constrangimento. Foi quando Willi afirmou que Melzer havia começado, levando uma merecida segunda bofetada do professor Urban.

– E agora apertem as mãos...

Eles conheciam aquele ritual reservado às brigas físicas, algo que jamais surtira o menor efeito. Mesmo assim, cumprimentaram-se com a cabeça e prometeram tolerância mútua dali em diante. A tão maltratada pátria alemã necessitava de jovens sensatos e não de garotos brigões.

– E vão para casa!

Estavam liberados. Leo colocou a mochila arrebitada no ombro. Sua vontade era sair correndo, mas não queria de forma alguma causar a impressão de que estava fugindo, portanto caminhou em um ritmo regular até o portão da escola. Só então apertou o passo. Deteve-se brevemente na Remboldstraße e, tomado de ódio, olhou para trás em direção à construção de tijolinhos. Por que ele precisava ir àquela escola horrível na Rote Torwall? O pai lhe contara que, na infância, frequentara o ginásio Santo Estevão. Estudara em uma turma preparatória. Só com rapazes de boa família, que tinham permissão para usar boinas coloridas. E não havia meninas. Mas a república queria que todas as crianças frequentassem os primeiros anos no mesmo tipo de escola. A república era uma bela porcaria. Todos reclamavam, principalmente a vovó. Ela dizia que tudo era melhor na época do kaiser.

Ele assoou o nariz mais uma vez e logo constatou que, felizmente, já não havia sangue. Mas precisava correr, porque já deviam estar esperando por ele. Passou pela basílica de Santo Ulrico e Santa Afra, subiu a ladeira e atravessou algumas vielas até a Milchberg, para entrar na Maximilianstra...

E então se deteve, como se fincado na terra. Ouviu um piano. Alguém tocava uma peça conhecida. O olhar de Leo perscrutou as paredes cinzentas do edifício. A melodia vinha de uma janela aberta no segundo andar. Não era possível ver nada, pois a cortina branca estava fechada, mas fosse lá quem estivesse tocando, era sublime. Onde ele escutara aquela canção antes? Talvez em algum dos concertos do clube de arte aos quais a mãe sempre o levava? Era linda e, ao mesmo tempo, muito triste. A força dos acordes atravessava seu corpo, ele poderia ficar ali por horas, mas o pianista interrompeu a execução para praticar melhor um trecho. E começou a repeti-lo à exaustão.

– Olha ele ali!

Leo estremeceu. Era, sem dúvida, a voz aguda e penetrante de Henni. Ah, então elas estavam vindo ao seu encontro. Mas que sorte a delas, pois ele podia muito bem ter entrado em outra via. De mãos dadas, as duas corriam pela calçada: Dodo com as tranças louras ao vento e Henni com o vestido cor-de-rosa que a mãe lhe fizera. Ela carregava uma esponjinha pendurada na mochila, pois era seu primeiro ano na escola e ainda estava usando a lousa para aprender a escrever.

– O que você está fazendo aí pensando na morte da bezerra? – perguntou Dodo, quando as duas pararam ofegantes diante dele.

– Ficamos séculos esperando! – exclamou Henni, em tom acusador.

– Séculos? Vocês já estariam mortas há muito tempo!

Henni ignorou a observação. Ela só escutava o que lhe convinha.

– Na próxima vez, a gente vai pra casa sem você...

Leo deu de ombros e olhou Dodo de relance, mas ela não parecia disposta a defendê-lo. De qualquer forma, os três sabiam que ele só ia buscá-las por vontade da avó. Ela acreditava que meninas de sete anos não deveriam andar pela cidade desacompanhadas. Menos ainda naquela época tão conturbada. Portanto, Leo recebera a missão de, após a aula, correr para a igreja de Sant'Ana e acompanhar a irmã e a prima de volta à Vila dos Tecidos em segurança.

– Olha como você está – disse Dodo, apontando para a manga rasgada e para a mancha de sangue no colarinho dele.

– Eu? Como assim?

– Você brigou de novo, Leo!

– Iiih! Isso é sangue? – perguntou Henni.

Ela tocou a gola da camisa com o indicador. Não estava claro se achava os pontos vermelhos nojentos ou emocionantes. Leo afastou sua mão.

– Me larga. Vamos logo.

Dodo o escrutinava com os olhos franzidos e fazendo bico.

– Foi de novo o tal do Abele Willi?

Ele assentiu, contrariado.

– Se eu estivesse lá, ia puxar esse garoto pelo cabelo e... cuspir na cara dele!

Ela soava muito séria e acenou duas vezes com a cabeça. Leo se sentia ao mesmo tempo comovido e constrangido. Dodo, sua irmã, era corajosa e sempre o defendia. Entretanto, era apenas uma garota.

– Vamos logo! – gritou Henni, já enfadada com aquele assunto de briga.

– Eu ainda tenho que passar na Sra. Merkle.

Isso significava um desvio muito grande e, naquele dia, não daria mais tempo.

– Hoje não. Já estamos atrasados...

– Mamãe me deu dinheiro para comprar café.

Henni sempre queria impor a própria vontade. Leo prometera a si mesmo que não cairia mais em sua lábria. Mas não era fácil, pois a prima sempre encontrava um motivo aparentemente razoável. Como, por exemplo, comprar café.

– Mamãe disse que não consegue viver sem café! – insistiu Henni.

– Quer que cheguemos atrasados para o almoço?

– Quer que minha mãe morra? – retrucou ela, indignada.

Mais uma vez a prima vencera. Os três entraram na Karolinenstraße, onde a Sra. Merkle tinha uma lojinha que vendia “café, geleias e chá”. Nem todo mundo podia se permitir tais luxos. Leo sabia muito bem que vários de seus colegas comiam apenas um prato de sopa de cevada no almoço e nem sequer levavam merenda para a escola. Ele costumava sentir pena deles e chegara a repartir seu pão com patê. Em geral com Walter Ginsberg, seu melhor amigo. A mãe dele tinha uma loja de partituras e instrumentos musicais na Karlstraße. Mas os negócios iam mal. Para piorar, o pai de Walter morrera na Rússia e eles tinham sido assolados pela inflação. Tudo ficava cada vez mais caro e – como dizia mamãe – o dinheiro já não valia nada. No

dia anterior, a cozinheira, a Sra. Brunnenmayer, reclamara de ter pagado 30 mil marcos por meio quilo de pão. Leo já sabia contar até mil. Era trinta vezes mil. Que bom que desde a guerra quase não se usava moedas, apenas notas; do contrário, a Sra. Brunnenmayer teria precisado alugar uma carroça.

– Olhem só, a loja de porcelanas dos Müllers fechou – disse Dodo, apontando para as vitrines cobertas por jornal. – Vovó vai ficar triste. Ela sempre compra xícaras aqui quando alguma quebra.

Aquilo havia se tornado comum. Muitas lojas em Augsburg estavam fechando e as que se mantinham abertas só exibiam itens encalhados nas vitrines. Recentemente, o pai dissera no almoço que aqueles vigaristas estavam escondendo os melhores produtos até a volta de tempos mais favoráveis.

– Veja só, Dodo. Ursinhos dançarinos...

Leo olhou com desdém as meninas com o nariz enfiado na vitrine da padaria. Aqueles ursinhos de goma, vermelhos e verdes, pegajosos e com sabor de fruta, estavam bem longe de ser sua guloseima favorita.

– Vá comprar logo esse café, Henni – resmungou Leo. – A loja da Sra. Merkle é logo ali...

Ele se interrompeu quando lembrou que ao lado da lojinha da Sra. Merkle ficava a loja de louças e metais sanitários de Hugo Abele. Propriedade dos pais de Wilhelm Abele. Willi, aquele canalha. Será que o garoto já estava em casa? Leo avançou alguns passos e, ainda à distância, tentou olhar para o interior da loja do outro lado da rua. Não havia muita coisa exposta na vitrine. Apenas algumas mangueiras e torneiras atrás do vidro. Mais ao fundo, distinguiu um vaso sanitário de porcelana branca. Protegendo os olhos do sol baixo de setembro, constatou que a refinada peça ostentava um logotipo azul e estava coberta de poeira.

– Vai comprar uma privada? – perguntou Dodo, que o seguira até ali.

– Claro que não.

Dodo também aguçou a vista e fez uma careta.

– Aquela é a loja dos pais do Willi Abele, não é?

– Aham...

– Willi está lá?

– Talvez. Ele sempre tem que ajudar os pais.

Os irmãos se entreolharam. Havia um brilho nos olhos azul-acinzentados de Dodo.

– Vou lá dentro.

– Para quê? – perguntou o irmão, preocupado.

– Para perguntar quanto custa a privada.

Leo balançou a cabeça.

– Não precisamos de privada nenhuma.

Mas Dodo já estava atravessando a rua e logo tocou a campainha da loja dos Abeles. Depois ela entrou e sumiu de vista.

– O que ela foi fazer lá? – indagou Henni, enquanto exibia para Leo o saco de papel cheio de moedinhas de alcaçuz e ursinhos de goma.

Pelo jeito, não sobraria dinheiro para comprar o café. Ele pegou uma moedinha de alcaçuz, sem desviar os olhos da loja.

– Foi perguntar o preço da privada – respondeu Leo.

Henni o fitou revoltada, pegou um ursinho do saco de papel e o levou à boca.

– Você acha que sou boba?

– Pergunte você, então...

Ao longe, viram a porta se abrir. Após uma educada reverência, Dodo saiu da loja. Ela esperou um veículo a cavalos cruzar a rua, e então correu em direção a eles.

– O pai do Willi está lá. Um altão com bigode grisalho. Ele é esquisito, parece que vai comer a gente viva.

– E o Willi?

Dodo sorriu. Willi estava sentado logo atrás, separando parafusos em caixinhas. Ela se virara discretamente para o garoto e lhe mostrara a língua.

– Deve ter ficado furioso. Mas não disse nada, porque o pai estava lá.

E o vaso sanitário custava duzentos milhões de marcos. Oferta especial.

– Duzentos marcos? – perguntou Henni. – É muito caro para uma privada tão feia.

– Duzentos milhões – corrigiu Dodo.

Nenhum dos três sabia contar até um número tão alto.

Henni franziu as sobrancelhas e, de longe, contemplou a vitrine que já refletia o forte sol de meio-dia.

– Vou perguntar...

– Não! Fique aqui... Henni! – exclamou Leo, tentando agarrá-la pelo braço, mas ela se esquivou por entre duas senhoras.

Com semblante de reprovação, Leo observou Henni, de cachinhos loiros e vestido cor-de-rosa, desaparecer dentro da loja.

– Vocês duas ficaram doidas? – queixou-se ele para Dodo.

Dando-se as mãos, eles atravessaram a rua e olharam através da vitrine. De fato, o pai de Willi tinha bigode grisalho e parecia mesmo estranho. Talvez fosse alguma inflamação nos olhos? Willi estava sentado bem atrás, junto a uma mesa repleta de caixinhas de papelão de tamanhos diversos. Só era possível ver sua cabeça e os ombros.

– Mamãe me mandou aqui – disse Henni, quase piando, enquanto dedicava seu mais lindo sorriso ao Sr. Abele.

– E como se chama sua mãe?

Henni sorriu mais ainda. E simplesmente ignorou a pergunta.

– Mamãe queria saber o preço da privada...

– Aquela na vitrine? Trezentos e cinquenta milhões. Quer que anote?

– Seria muita gentileza...

Enquanto o Sr. Abele procurava um papel, Henni virou-se rapidamente para Willi. Os gêmeos não conseguiram ver o que ela fez, mas os olhos de Willi se arregalaram como os de um sapo. De posse do pedaço de papel, a menina saiu orgulhosa da loja e achou absurdo o fato de Dodo e Leo a estarem observando pela vitrine.

– Mostra! – exigiu Dodo, pegando o papel da mão de Henni.

Era possível ler o número 350, seguido pela palavra “milhões”.

– Que safado! Ainda há pouco eram duzentos milhões! – disse Leo, indignado.

Henni nem sequer sabia contar até duzentos, mas logo entendeu que aquele homem era um salafatório. Um pilantra de marca maior!

– Vou lá de novo! – exclamou Dodo, decidida.

– Deixa isso pra lá – advertiu Leo.

– Agora eu faço questão! – insistiu ela.

Leo e Henni detiveram-se na frente da loja e espreitaram outra vez pela vitrine. Foi preciso aproximar-se bastante e fazer sombra com as mãos, pois o sol refletia com intensidade no vidro. Ouviram a voz enérgica de Dodo e o tom grave do Sr. Abele.

– O que você quer aqui de novo? – resmungou o homem.

– O senhor disse que a privada custava duzentos milhões.

Ele a encarava e Leo percebeu as engrenagens no cérebro do Sr. Abele girando lentamente.

– Eu disse o quê?

– O senhor disse que custava duzentos milhões. Foi isso, não foi?

O homem olhou primeiro para Dodo, depois para a porta e, finalmente, para a vitrine, onde o vaso sanitário se encontrava. Lá, flagrou as duas crianças coladas ao vidro.

– Seus pestinhas! – vociferou ele, irritado. – Sumam daqui. Vão fazer outro de palhaço. Fora! Antes que eu mesmo ponha você na rua!

– Mas eu estou falando a verdade! – exclamou Dodo, intrépida.

Mas logo teve que dar meia-volta, apressada, pois o Sr. Abele aproximou-se de maneira ameaçadora, chegando a esticar o braço para pegá-la pelas tranças. Ele já estava perto da porta quando Leo entrou e se interpôs entre o homem e a irmã.

– Moleques malditos! – esbravejou o Sr. Abele. – Acham que eu sou idiota, é? Você vai ter o que merece, rapazinho.

Leo se agachou, mas o Sr. Abele o segurou pela gola do casaco e a bofetada acertou sua nuca.

– Não bata no meu irmão! – berrou Dodo. – Senão, vou cuspir na sua cara.

E, de fato, cuspiu. Atingiu a roupa do Sr. Abele, mas, infelizmente, também a nuca de Leo. Naquele meio-tempo, a mãe de Willi aparecera na loja. Era uma mulher esmirrada, de cabelo preto. Willi vinha logo atrás.

– Elas me mostraram a língua, papai! E esse é o Leo, dos Melzers. Foi por causa dele que o professor me bateu hoje!

Ao ouvir o nome “Melzer”, o Sr. Abele se deteve. Mas continuou segurando o colarinho de Leo, que se debatia.

– Dos Melzers? Os da Vila dos Tecidos? – perguntou o Sr. Abele, virando-se para Willi.

– Ai, meu Deus! – exclamou a mulher, cobrindo a boca com a mão. – Não arrume problemas, Hugo. Coloque esse garoto no chão. Por favor!

– Você é um Melzer da Vila dos Tecidos? – berrou o proprietário da loja. Leo assentiu e o Sr. Abele logo o soltou.

– Não aconteceu nada aqui – sussurrou ele. – Eu me confundi. A privada custa trezentos milhões. Pode dizer isso para o seu pai.

Leo esfregou a mão na nuca e ajeitou o casaco. Dodo observava o homenzarrão com desprezo.

– Garanto que na loja do senhor... – começou ela, com pompa. – Na loja do senhor é que não compraremos privada alguma, pode ficar sossegado. Nem que fosse de ouro. Vamos, Leo!

Leo continuava atordoado. Sem resistir, deixou-se levar por Dodo. Logo estavam na rua, em direção ao Portão de Jakob.

– Se aquele sujeito contar para o papai... – gaguejou o garoto.

– Ah, que besteira! – respondeu Dodo, tranquilizando-o. – É ele quem está morrendo de medo.

– E onde Henni se meteu? – perguntou Leo, detendo-se.

Encontraram a prima na loja da Sra. Merkle. Com o dinheiro que sobra-
ra ela ainda conseguira comprar cerca de 100 gramas de café.

– Porque somos ótimos clientes! – disse ela, orgulhosa.

CONHEÇA OS LIVROS DE ANNE JACOBS

A Vila dos Tecidos
As filhas da Vila dos Tecidos
O legado da Vila dos Tecidos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

